

POESIA ALEGRE

Os pessimistas têm mais este argumento a favor do seu parecer, que as emoções de alegria ou prazer não são estéticas. Pelos menos só o são quando se lhes mistura algo de doloroso, triste ou de amargo. A alegria extreme, sem este ressaibo de tristeza, jamais produziu um grande poeta. A comédia de Aristófanes ou de Molière, no que ela tem de verdadeiramente comovedora, é ao cabo triste, e dessa tristeza tira o merecimento. O mesmo é exato desses grandes poetas da alegria, Rabelais, Shakespeare ou Cervantes. É a dor humana, que chora entre as casquinadas de riso das suas criações, que nos toca. O riso é apenas o dulçuroso veículo da amargosa peçonha. A alegria na poesia tem que ser humor, isto é, travar-se de tristeza, para que a sintamos.

A poesia puramente jovial, ou somete alegre, apenas mui superficialmente nos toca. A sua graça de anedota, como a desta, mal ouvida é logo esquecida. Falha, portanto, às mesmas profundas necessidades criadoras da poesia, ou existentes em nossas almas, de emoções que nos façam sair de nós mesmos, que nos arranquem, ainda da vida. Toda a obra humana, saber-se-ia ainda em antes do pseudo Salomão, é vã. Mais talvez do que todas o é esta poesia do riso, este cantar de alegrias, quando se lhe não casa à jocosidade a amargura, essa positiva e real, da humana dor. Leiam os vários cancioneiros alegres das várias línguas, releiam o demasiado famoso de Camillo para a nossa, e digam-me sinceramente se eles os alegraram ou sequer divertiram. A mínima anedota fresca teria exatamente o mesmo efeito.

Na língua portuguesa não há talvez mais que um poeta alegre – se tal se lhe pode chamar – que nos faça sorrir, e com a qual riríamos, não fora a causa do nosso riso os mesmos ridículos humanos, é Nicolau Tolentino. Esse é, porventura, o maior poeta português do seu tempo, pelo sentimento particular e graciosidade da sua poesia, e pela excelência de todo moderna da sua expressão, em que, pela elegância, propriedade e graça, os excede a todos. Mas é em suma a sátira, a crítica poética do mal da vida que, servida desses dons, ou antes realçando-os, o sobreleva aos seus contemporâneos.

Um poeta como o sr. Bastos Tigre, vulgo D. Xiquete – porque o sr. Bastos Tigre é um poeta – é aqui *avis rara*. A uma singular facilidade de inspiração, à espontaneidade e naturalidade de estro, ao correntio da forma, e notáveis dons da expressão, reúne ele uma franca e por vezes ingênua alegria, que fisiologicamente atribui ao seu “fígado perfeito”, e “excelente estômago”. A sua jovialidade, porém, é talvez fácil demais, toda de superfície, e se não se apoia bastante numa observação aguda e atenta da vida que a releve acima da troça. Os seus versos, que ele mesmo com justeza e espírito qualificou de “vadios”, são todos muito bons como versos; e ainda muito bons para a despreensão com que evidentemente foram escritos, mas nos deixam o pesar de que o poeta não dê maior importância a um ofício que, porventura, pudera ser insigne.

De lh’a não dar resultam banalidade de sentimentos e conceitos, apenas disfarçados pela facilidade, leveza e mesmo beleza da forma. Deste seu mal avisado menosprezo pelo sério, que mesmo a sua arte alegre comporta, resultam ainda os poemas que se sofrem na seção facciosa dos jornais, para leitura divertida e passageira, ou como “rapaziada” de estudante, mas se não computam, na obra de um poeta, ainda humorístico ou alegre, para a exalçarem. Tais são, por exemplo, *Zodiaca passional*, *Amor cadastral*, *Amor algébrico* ou *Amor geométrico*, (este, por sinal, obra prima no seu gênero inferior), e outros e outros, que constituem talvez a maioria dos seus *Moinhos de vento*, título sob que acaba de reunir os seus alegres versos (Jacinto Silva, editor).

É possível, e suspeito-o, que o sr. Bastos Tigre se esteja a rir do sério com que lhe estou fazendo estas observações, a ele que acaso já as terá feito, a si mesmo, mas que pouco se lhe dá

delas. Ele ao cabo parece não querer mesmo ser senão o poeta frívolo e alegre, que só definiu exatamente neste soneto, que é deveras bom:

Amo o verso corrente e espontâneo; perfeito,
Mas sem que a forma seja um cílicio que o oprima
Que vos dê a impressão de que já estava feito,
Com o metro justo, a ideia clara, a exata rima.
[...]

A arte do sr. Bastos Tigre consiste essencialmente em misturar à gravidade tradicional dos seus temas e da maneira de os tratar a facecia do seu gênio folgazão, produzindo, por contraste, um quase infalível efeito jocoso, frequentemente, mas nem sempre, feliz. Em suma, em amesquinhar pela troça o que os demais poetas por temperamento, costume ou estudo, celebram e exalçam; A virtuosidade que nisto põe, releva-lhe o emprego de uma inspiração que, a meu ver o merecia melhor.

José Veríssimo.